

As vogaes podem ser nasaes quando a expiração passa pelo nariz:

ã, an, am — irmã, santo, campo

e assim as outras: *ê, ĩ, ô, ũ*, com a só differença de que na escripta o *til* hoje se usa sobre o *a* e *o*, mas antigamente podia recair sobre todas as vogaes.

Observemos que o *m* entre portuguezes é nasal quando precede a labial: *campo*. No Brasil sempre nasaliza a syllaba anterior: remo (rêmo).

DIPHTHONGOS

As vogaes podem combinar-se com outras formando *diphthongos*: em geral a combinação põe em segundo lugar *i* (ou *e*) e *u* (ou *u*); d'ahi a serie *decescente*:

Na serie *decescente* a primeira vogal é a preponderante (ou *prepositiva*). Na serie *crescente* são as vogaes *subjunctivas* da primeira serie que occupam o primeiro lugar:

ia, ea, ya
ua, oa,
ie, io, iu, yo.

Essas subjunctivas fazem o effeito de *semi-consoantes*. (1)

(1) A existencia de diphthongos têm sido contestada por varios philologos de porte. No latim vulgar que originou os romances modernos só havia distinctamente os diphthongos *ae*, *oe* (ambos tratados como *e*) *au* que degenerou em *ô*, *ou* em portuguez, *ai* em *ê* (primariu—primairu—*primêro* ou primeiro); *au* atono em syllaba vizinha, em *u* desapareceu por dissimilação *agosto*, *agouro* (*angu*—) da junção *ie* resultou *ê*: *quêdo* (quietu), *parede*. Nas linguas romanas, porém, os diphthongos são mais numerosos e característicos, se bem que em qualquer união de vogaes uma dellas naturalmente consonantiza a outra. Leitura interessante é a da doutrina de V. Henri perflhada por Antenor Nascentes e da contestação que lhe oppõe J. Oiticica. *Rev. de Filol. port.*, ns. 1 e 8 (1924).

O agrupamento pôde ser de tres vogaes *trithongos*:

iau, uai, uae, iao
uei, oei,

como se observa nas palavras: *piau, poeira, suão, Paraguai*, etc.

A's vezes o diphthongo é de simples apparencia; é um *digrapho* (duas letras) que só representam um sóm unico: pouco (=pôco), mouro (=môro).

Outras vezes, a subjunctiva *i* intercala-se, como na prosodia do Brasil: *tem* = tein, *vem* = vein. Em Portugal esse caso tem o som especial do diphthongo *æe*: tambem (no Brasil, *tambem*; em Portugal, *tambæe*). A prosodia brasileira era a mesma do tempo de Camões. (1)

Neste exame dos diphthongos convem considerar o caso do *hiato* (dierese), que é o da separação prosodica das vogaes:

riu, do verbo *rir* (*diphthongo*)
rio, subst. (*hiato*)
ai ou *ae* — *paie* (*diphthongo*)
saia (*sahia*), v. (*hiato*).

CONSOANTES

As *consoantes* classificam-se segundo o modo de formação e produção. A corrente expiratoria pode soffrer modificações intercorrentes ao passar pelo tubo vocal.

A classificação que adoptamos sem grande tempenho, porque são muitas as divergencias entre as phoneticas é a que considera uma primeira divisão entre as *explosivas* ou *instantaneas*. (*p, b, t, d,*) que não tem som a não ser com vogal de apoio, e as *continuas* que vibram com algum ruído antes da vogal de apoio (*x = ch, ss, rr* e as nasaes *m, n,*) Esses dois grupos geraes subdividem-se segundo o órgão que

(1) Nos poetas quinhentistas não se observa a rima *mãe* e *bem* (*bæe*).

prepondera na produção das consoantes, em outros menores: *gutturales* (velares), *dentales*, *bilabiales*, *palatales* (1).

Ha outras subdivisões, alem destas, e todas ellas podem reunir-se no seguinte quadro schematico que abrange a variedade dos sons consoantes:

Segundo o orgão	EXPLOSIVAS OU INSTANTANEAS		CONTINUAS					
	Surdas (fortes)	Sonoras (brandas)	Spirantes		Líquidas	Vibrantes	Semi-vogaes	Nasaes
			Surdas (fortes)	Sonoras (brandas)				
Labiales.....	p	b	f	v	—	—	w	m
Dentales (linguo-dent.)	t	d	s	—	—	rr	—	n
Gutturales.....	e, k	gh	—	—	—	—	—	—
Palatales (marginales).	—	—	x, ch	j	l	—	y	—

(1) Como as vogaes podem usar-se como interjectivas *ah*, *oh*, *ó*, *ai*, *ui*, etc., tambem as consoantes podem ser interjectivas: *s*, *ss*, para concitar ao silencio; *f*, *ff*, para soprar o que está quente; *psst* para chamar, etc. (Von Konsonanten verwendet man *s* um Stille zu gebieten, *f* um etwas Heiszes kalt zu blasen u. s. w. — Sütterlin — *Lautbildung*, 126).

Não é menos certo como affirma Th. Ziehen, que os rudimentares movimentos mais simples na expressão *affectiva* e immediata se tornam naturalmente mais complexos na linguagem e communicação das idéas. "Waerend diese letzteren, also Lachen, Weinen *usf.* meist speziell effekte ausdruecken, werden die *Sprechbewegungen* zum Ausdruck aller unserer Empfindungen und Vorstellungen erfordert natürlich auch eine grosse Variabilität der *Sprechbewegungen*". — Th. Ziehen — *Physiol. Psychol.* 513.

Como não temos ainda uma terminologia assentada, oferecemos o seguinte schema adoptado por J. J. Nunes, na sua *Grammatica historica*:

Modo da articulação	Lugar da articulação	Labiais		Dentais ou linguo-dentais	Palatais ou linguo-palatais		
		Bi-labiais	Dento-labiais		Pótero-palatais (Gutturais)	Medio-palatais	Antero-palatais
oclusivas	sonoras	b		d	g		
	surdas	p		t	c (k,p)		
Constrictivas	fricativas	sonoras	u	v	s, z	l	g, j
		surdas		f	s, ç		ch, x
	vibrantes	sonoras			r		
		laterais	sonoras			l	
nasais	sonoras	m		n			nh

Confrontando-se os dois quadros, vê-se que, por exemplo, classifico as *labiaes* *p*, *b*, *f*, *v*., ás quaes J. J. Nunes chama, ás duas primeiras, *b*, *p* — bilabiaes, e ás duas outras *dento-labiaes*, expressões exactas e claras.

A *explosivas* corresponde o termo *oclusivas* e ás *continuas* o de *constrictivas* e *fricativas*, synonymia util.

E', todavia, uma imperfeição excluir os sons *gutturales* ou substituil-os por *palataes*. Nesta materia, em verdade, é impossivel ser completo, porque os sons estão condicionados a varias circumstancias prosodicas e certos movimentos musculares que não costumamos mencionar como o dos musculos da face.

Outras circumstancias como a do *registro* da voz tem sido motivo de divergencias entre os mais autorizados phonetistas. Veja-se o que diz Sütterlin (*Laut-bildung*, 46) a este respeito, quanto á *voz de peito*, o *falsete*, *fistelstimme*, *kopfst*, *bruststimme*, foi varia e contradictoriamente entendida por Sievers, Techmer e Victor.

Como illustração da formação phonetica das vogaes e consoantes apresentamos as gravuras expressivas de E. Richter (1), applicaveis ás nossas condições de phonação:

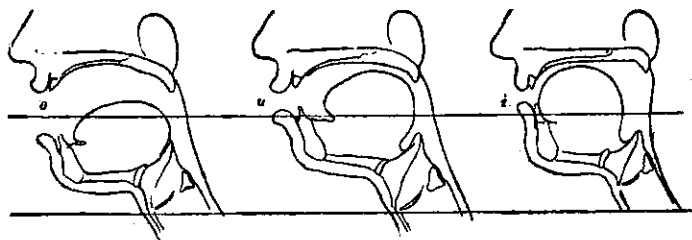


Fig. 1. — A gravura representa schematicamente a produção das vogaes extremas: *a*, *i*, *u*. Nota-se a constricção do canal na produção de *u* e *i*, com movimento da epiglote, e a elevação da lingua até quasi ao palato.

(1) Dr. E. Richter — *Wie wir sprechen*, Teubner. Cf. com Techmer — *Phonetik*; Brücke — *Grundzüge der Physiol. der Sprachlaute*.

Excelente explicação dentro do proprio idioma, antigo e moderno, temos toda a parte consagrada aos sons na *Lexologia do port. historico* de M. Said All, pgs. 1—23.

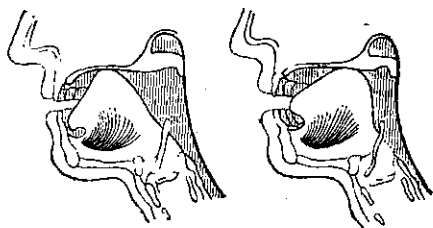


Fig. 2. — Produção das gutturaes k, g (gh) antes de a e i (gala, guia). É a direita a produção das mesmas antes de o e u (Brücke — *Grundz. der Physiol. der Sprachlaute*).

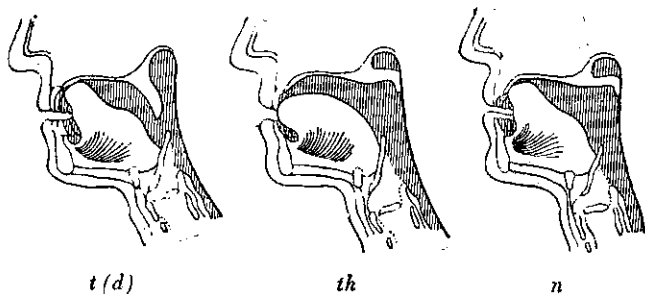


Fig. 3. — Produção das dentaes e dento-labíaes: t, d, th (ingl.) n (Segundo E. Richter — *Wie wir sprenchen*). A articulação th (entre d e z) não a possuímos.

No *latim vulgar* as consoantes são as mesmas da lingua classica, com a perda do *h* que se tornou mero signal ou desapareceu (aprehendere) aprender; e a troca frequente de *b* e *v*, como se dá ainda em varios romances e no portuguez. Tambem é digno de nota no *latim vulgar* a perda da nasal *n* no grupo *ns*: mesa (*mensa*), peso (*pensum*).

Não escrevendo para estrangeiros, não temos necessidade de adoptar as convenções internacionaes quanto ao valor das vogaes e consoantes: $\varphi, \varrho = \acute{e}, \acute{o}$; $l' n' = lh, nh$; $\acute{e}, \acute{o} = \hat{e}, \hat{o}$, e outros caracteres gregos ou especiaes convenios para o estudo comparativo da phonetica nas linguas cultas. Para nós, os accentos graphicos bastam quanto ás vogaes de timbres variaveis e as nossas consoantes variaveis não necessitam convenção: $\acute{g} = g = j$, palatal; e assim $\acute{s} = x = ch$. Não temos o γ (no allemão, *ach*) nem o p corresponde o *th* inglez e ao *c* espanhol antes de *e* e *i*.

Vocalismo (1). Factos principaes:

a) conservação do timbre da vogal latina: *capu*, cabo; *letu*, ledo; *rota*, roda; *muru*, muro;

b) nasalização por influxo da consoante nasal: *lã de lana*; mão de *manu*;

c) no diphthongo *au = ou*: ouro, *auru*; pouco, *paucu*;

d) diphthongação nos grupos *pt, ct*: peito, *pectu*; fruto, *fructu*; auto, *actu*; conceição, *conceptionem*.

Consonantismo. Factos principaes:

a) conservação desde o latim da consoante inicial *ca, ma, te*: *casa*, *mar*, *todo*, *véo*;

b) abrandamento de *c, k = g, p = b, t = d*: *cacu*, cego; *capu*, cabo; *rete*, rede; amigo, *amicu*; pedra, *petr.*;

c) quêda da consoante intervocalica *l, n, g, d*: pau, *paulu*; cão, *cane*; lei, *lege*; rei, *rege*; nó, *nodu*; areia, *arena*; dedo, *digitu*; povo (poboo), *populu*;

d) nos grupos: *pl = ch, x* ou *pr*; cheio, preio, plenu; *fl* e *cl = ch*: *chamma* (*flamma*), *chave* (*clave*);

e) vocalização do *c* ou *p* nos grupos *ct, pt* (V. acima — Vocalismo — d).

(1) Mais desenvolvidamente o *vocalismo* e o *consonantismo* no capt. *Origem das Letras* e *in fine* nos quadros phoneticos do *appendice*.

Breves e longas. Ao passo que *a* e *i* conservam geralmente o mesmo timbre, deve notar-se que á vogal longa, *ē*, *ō*, corresponde o som fechado, já existente no latim vulgar:

	ratione — razão,
mas,	
ê = ē	metu — mêdo pena — pena
é = ē	febrem — fébre sedem — séde, sé
ô = ō	totum — tôdo florem — flôr
ó = ō	nodum — nó rota — rôda.

Outras mudanças de timbre occorrem, sob condição, com *i* e *u* geralmente inalteráveis:

i — ē	— cito — cêdo pira — pêra
u — ô	— turrim — tôrre.

Phonetica da phrase. Incluem alguns phonetistas, como A. Zaune, como phenomenos de phonetica phraseologica, as contracções com *dom*, *gran*, *cem*, *fi* (fidalgó). sobrinho (consobrinho, nhor, sôr (senhor), frei, você (vossa mercê, vosmecê), que já estudámos em outra oportunidade e de que existe grande cópia nas linguas romanas. Nesta classe incluem os phenomenos de *liaison*, principalmente do *s* final, portuguez. (1)

(1) Por sua muito proveitosa leitura nesta materia aconselhamos os livros vernaculos: *Chrestomathia archaica* de J. J. Nunes, *Lexicologia* do port. de Said Ali.

II

Transformações phoneticas e historicas

Constitue a phonologia historica o estudo da evolução dos sons vocabulares desde o *latim vulgar* até a constituição do *romance* e da mesma lingua actual. Até a época do *romance* (lingua antiga), que se póde fixar entre os seculos XII e XIII para o portuguez, a evolução foi *organica*, isto é, operou-se sob o regimen das causas naturaes e inconscientes das linguas. D'ahi ao diante, porém, a cultura literaria, a disciplina grammatical e o cuidado pelos estudos philologicos tornaram-se agentes psychologicos, ora em reacção, ora em concurrencia com o movimento organico primitivo, que foi e vae perdendo cada vez mais a intensidade propria, sem comtudo annullar-se totalmente.

As forças que pouco a pouco minavam e produziam a dissolução dos phonemas latinos, tomavam aspectos especiaes que variavam segundo os logares e os tempos. Todavia as transformações que o idioma soffria, deixavam claramente observaveis varias tendencias espontaneas que até ha bem pouco chamavamos exageradamente LEIS PHONETICAS. (1)

Uma vez instituidas estas correntes diversas e contrarias, tornou-se possivel o equilibrio. A' medida que pela *decomposição* se davam o enfraquecimento e a perda consecutiva dos valores phoneticos, novas forças surgiam, que, alliadas ao trabalho mental e obvolvidas umas sobre outras, se iam oppondo á differenciação da lingua.

(1) Falamos em *tendencias* que se devem considerar espontaneas em cada grupo de lingua e povo, mas não de *leis* com o sentido imperativo e absoluto que lhe deram principalmente os *neo-grammaticos*. Leis taes mereceram o conceito de descredito.

Assim, pois, a *phonologia* que deve ser sempre entendida conjunctamente com o estudo literario da lingua, comprehende o estudo das duas forças geraes permanentes. que mantêm a lingua em equilibrio embora instavel: a *decomposição* e a *reconstrucção* (ou *analogia*).

Precisamos convir que o *latim vulgar* não é senão o verdadeiro latim, a lingua viva dos romanos e não é uma corruptela do *latim classico* e *literario*; este é que é em verdade uma creação por vezes artificial sempre estilizada sobre o modelo popular.

1. — TENDENCIAS PHONETICAS

a) *Decomposição*

Os phenomenos de *decomposição*, cujo maximo resultado foi differenciar e dar individualidade original ás linguas modernas, acham explicação em muitas e mui variadas causas.

Entre estes factores são de notar as *raças* e *linguas* primitivas ou posteriores, que pela invasão se superpozeram ao dominio latino na península. Taes foram o celtico, o gothico e o arabe.

Bem se vê que semelhante factor offerece sérias difficuldades de analyse, mas alguns factos ha que resistem a qualquer controversia. E' sabido que alguns sons gutturaes e aspirados são devidos á influencia arabe. Outros phenomenos phoneticos derivam da mesma origem, taes como as *protheses*, outr'ora innumeraveis da letra *a* nos substantivos portuguezes *alagôa*, *alicornio*, *alampada*, *aluguer*, *alanterna*. Ainda mais: ninguem contesta a procedencia gothica das transformações *gu*, *gh*, dos sons *w*, *v*. exemplos:

gastas	— vastare
vomitare	— gonitare
guai!	— Væ!

(Segundo o gothico: *werra* — *guerra*).

D'essa classe participam os termos *Guadalquivir*, *Guardiana*, *Guimarães*, *guiza* (ant.), etc., etc.

Além das raças e linguas, convém não esquecer um factor de importancia limitada, designado sob o nome de *meio* ou *condições mesologicas*, entre as quaes a principal é incontestavelmente o *clima*.

A *mesologia* abrange o estudo do clima, dos accidentes e contornos do sólo e das aguas, da alimentação, do *modus vivendi* material dos homens. Entre estas condições avulta o *clima* por ser a causa mais geral, e que pôde explicar a existencia das restantes. Alguns observadores, como pondera Hardy, têm procurado definir a influencia *mesologica* ou *climaterica*, induzindo dos factos a verdade que os sons se tornam mais agudos á medida que cresce a latitude ou baixa a temperatura. Assim, os phonemas latinos, italianos e peninsulares em A, tornam-se mais agudos na zona média, na França e attingem a maxima acuidade na zona septentrional e mais fria. A progressão pôde ser notada nos exemplos seguintes:

A (sul)	~~~~~	E (francez)	I (inglez)
Cabo			
Capo		— Chef —	— Chief (<i>txif</i>).
Caput			
Labio			
Labbro		— Lèvre —	— Lip.
Labrum			
Aquila			
Agua		— aigle —	— eagle (igl').

Estes exemplos, que nos aponta Hardy, justificam a *progressão aguda* dos valores phoneticos, do sul para o norte europeu, produzida pela acção do clima. Ainda que o elemento latino só através do francez passasse á Inglaterra, comtudo é sufficiente e irrecusavel em termos geraes.

Os factos *mesologicos* são os que notificam a variedade physionomica das linguas, e que a umas dão preferencias por certos sons, que em outras escasseiam. O som chiante do s final e os diphthongos em ão caracterizam o portuguez; os sons velares do ch dão especial parecer ao allemão, como o sibilo dental ao inglez, a nasalidade ao francez e o excessivo vocalismo ao italiano. Assim, cada lingua tem a sua orga-

nização ou indole phonetica de tal arte ordenada, que se pôde ouvir confusamente um trecho declamado, e dizer em que lingua está composto, ainda quando se não perceba uma só palavra ou phrase. As differenças prosodicas entre o falar portuguez e o brasileiro, devem em grande parte ser referidas ao factor mesologico ao lado do ethnico.

A acção *mesologica* é, sobretudo, profunda no dominio biologico. Não se deve dar exaggerado peso á influencia do *clima* sobre o trabalho mental; mas é claro que a actividade cerebral e as funcções do aparelho vocal dependem immediatamente do estado physiologico dos orgãos que vivem sob a continuada acção do *meio*.

Todos os factores que contribuem para a differenciação da lingua em qualquer direcção, quer impulsores, quer obstinentes, refluem e vão ter ao principio geral de economia physiologica, conhecido pelo appellido de *lei do menor esforço*.

Esta lei (no sentido discreto que já definimos para as *leis phoneticas*) de character generalissimo pôde em verdade conter os phenomenos, não só de *decomposição*, mas os de *reconstrucção* phonica; é ella todavia applicada mais restrictamente á série de transformações que se distinguem por decrescentes reduções dos valores prosodicos.

De sorte que o principio pôde ser formulado, em phonologia, do seguinte modo:

Na decomposição da lingua, todo o som tende a diminuir de força ou a abrandar até o extremo limite: a desaparição ou quêda.

D'ahi evidentemente se infere que os sons comportam duas especies determinadas de redução:

1.^a O *abrandamento*. (Ex.: c = g: *lacunam*, baixo latim *lagona*, lagôa). (1)

2.^a A *quêda*. (Ex.: l: *ma-l-um*, máu).

Estas duas ordens de factos assignalam os dous modos essenciaes da decomposição. Sem que se exerçam discricionariamente, é licito lembrar que o *abrandamento* e a *perda* acontecem sob a occurrencia de outras causas e circumstancias de que faremos analyse.

(1) Seria talvez preferivel dizer simplesmente *troca* ou *mudança* por ser o caso mais geral.

A expressão mais geral da degeneração phonetica é a chamada *Lei de Grimm*, do nome do eminente philologo que a divulgou (1).

b) Reconstrucção

E' manifesto que chegaríamos á ruina do idioma, dado que fosse exclusiva a acção das leis degeneradoras. Sem sair do mesmo dominio unico da phonetica, os estragos produzidos pela *decomposiçào* seriam excessivos; os sons fortes e in-

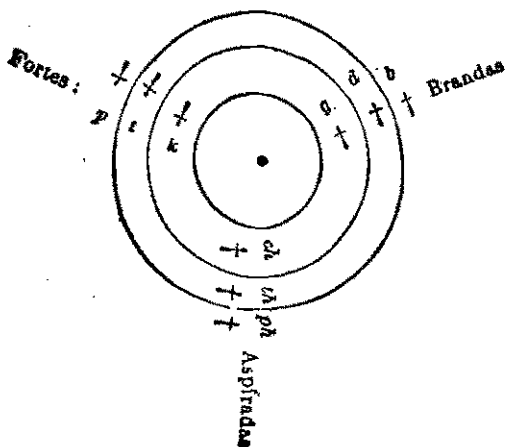
(1) A *Lei de Grimm* (assim chamada, mas determinada antes por Rask, philologo dinamarquez) rege as variações das consoantes nas tres familias das linguas indo-germanicas.

I Grego e sanscrito, latim (e l. romanas).

II Antigo alto allemão.

III Baixo allemão, anglo-saxonio (e inglez).

A ordem em que variam é representada por estes circulos concentricos:



tensos enfraqueceriam e os sons fracos e brandos ficariam de continuo sujeitos a perdas inevitaveis.

Mas, ainda ahi, verificou-se o principio que o transformismo biologico denominou: *a lucta pela existencia*. O conflicto produziu-se entre as forças que arrastavam a degeneração dos vocabulos, e as forças que se oppunham a essa degeneração, provenientes as ultimas, do momento psychologico, dos elementos de resistencia propria dos sons, da intervenção do espirito humano, que naturalmente procurava manter a integridade da linguagem.

De feito, os vocabulos contêm em si proprios bases estaveis de resistencia e de reacção: *a euphonia, o tamanho, as letras iniciaes e especialmente o accento tonico* foram elementos que os deixaram em perfeita seguridade contra a onda destruidora da decomposição phonetica. Por outra parte, o espirito do homem, interessado na manutenção indeclinavel da lingua, exercia a integração dos vocabulos pela *emphase*, reforçando-os e ampliando-os, conforme impunha a necessidade.

Vê-se do que fica acima declarado, que a *reconstrucção* da lingua se effectuou por meio de processos bilateraes: de um lado, a reacção negativa expressa pela resistencia á decomposição, pelo *accento*, pela *grandeza* (ás vezes pela pequenez do vocabulo), pelas letras iniciaes, pela *euphonia* e facilidade prosodica; de outro lado, nota-se a reacção positiva, caracterizada pela novidade dos expedientes, pelo reforçamento e pela criação consciente de sons novos, que ampliavam e compunham os vocabulos e facilitavam a pronuncia, tornando-os mais euphonicos e cultos.

Em summa, coexistiram no conflicto um momento *physiologico* e outro *psychologico*, ambos reactores e sufficientes para a elaboração do equilibrio e da restauração da linguagem.

Superficial analyse põe a limpo immediatamente as direcções systematicas d'aquella reacção constructora. Aos dous principios da decomposição, o *abrandamento* e a *quêda*, oppunham-se respectivamente os principios antagonicos, o *reforço* e o *neophonema*, ou a introducção de novos elementos phoneticos; letras adventicias e figurativas, interpolações, suffixações e elementos adicionaes.

Como já fizemos sentir opportunamente, na propria acção dos elementos reconstructores, aqui e acolá, á parte algumas intermittencias, observa-se o principio do *menor es-*

forço, mas do menor esforço espiritual, se podemos chamar-lhe assim, á analogia.

A deformação, o destroço das fórmãs materiaes e dos symbolos de flexão augmentaria, de certo, as ellipses, o trabalho da percepção, emfim, a energia mental, cujo trabalho ficou diminuído pela reconstrucção e pela consequente clareza e abundancia das fórmãs.

Ordenando summariamente os factos essenciaes da reconstrucção phonetica, temos:

- I. O accentto tonico persiste ou escapa á decomposiçãõ.
- II. A letra inicial persiste.
- III. Os vocabulos de maior grandeza, preferidos, sobrevivem.

Além d'esses principios de resistencia negativa, a que se podem aggregar o da *euphonia*, e outros menos importantes, notam-se os dous modos culminantes da emphase:

- IV. — 1) A derivação pela analogia.
- V. — 2) Os *nephonemas* ou sons addicionaes (muito commum).

D'estes principios faremos em outro logar minuciosa analyse. Convém, entretanto, desde já esclarecer que os phenomenos de reconstrucção ora referem-se aos sons, e fazem parte do estudo que esboçamos, ora referem-se aos vocabulos *in totum*, e constituem o estudo lexicologico dos *archaismos* e *neologismos*, morphologia, objectos estranhos á phonologia, embora com esta mantenham constantes pontos de contacto.

2. — ANALOGIA

Em profundo desacerto cairia aquelle que viesse explicar todas as modalidades phoneticas pelo simples recurso da decomposiçãõ. O factor de alteraçãõ phonetica é victima de perturbações, de casos especiaes que interceptam, modificam e por vezes lhe annullam toda a effectividade. Não raro se observa que á perda de um elemento succede o reforçamento compensativo de outro. No latim, para exemplo, a quêda do *d*, em *dvis*, *dvellum*, foi compensada pelo reforçamento do *v*, em *bis*, *bellum*.

Assim, existem factores de grande e extensissima funcção, communs tanto á corrente degeneradora como muito

principalmente á reconstructiva. São os *factores interferentes*, cuja acção, embora limitada, nem por isso deixa de ser importante.

Em primeiro logar deve-se nomear o *princípio de analogia*, que opera, pouco a pouco, a uniformidade e perfeição pratica das linguas. E' intuitivo que, sendo a *analogia* a tendencia para uniformar e methodizar, no dominio das fórmas da morphologia é que ella se manifesta com a maior intensidade. Nas linguas cultas, a *analogia* é factor principal e por isso é por assim dizer um pouco lenta e tardia nas suas mais largas manifestações.

Outros principios derivados da analogia intercorrem e complicam a evolução phonetica: taes são os phenomenos de attracção ou *sympathia* conhecida pelo termo de *assimilação*, e os seus oppostos, de *dissimilação* e *transposição* ou *metathese*.

1) A *analogia* funciona como força de systematização e por isso reduz ao *mínimum* possível a variabilidade de fórmas e de expoentes morphicos. Além da função negativa de redução, opéra como força creadora, inventando, sobre os moldes mais communs, os typos que a necessidade e progresso das linguas reclamam.

No portuguez, a analogia dos infinitos em *ar* e em *ir* tornou agudos todos os infinitos em *er* (de *êre* e de *êre*); reduziu as flexões verbaes e substituiu-as por tempos compostos, no futuro, condicional, e nas vozes passivas.

Desenvolvida a phase *analytica* das linguas romanas, deu ás fórmas nominaes um unico caso, cujo typo etymologico é o accusativo latino.

Na formação do *genero* fez preponderar como expoentes do masculino e do feminino as letras *o* e *a*. D'ahi a derivação, aparentemente anormal, dos neutros latinos, cujo genero se perdera, do plural em *a*: *folia*, de *folium*, etc.

A flexão em *o*, tornando-se o typo geral dos masculinos e correspondendo á segunda declinação latina, tornou masculinos analogicamente os femininos da segunda declinação: *louro*, de *laurum*; *choupo*, de *populum*, etc. Foi ainda a *analogia* que procurou determinar o genero sómente pela flexão, creando os femininos *freira*, *patrôa*, apesar de só existirem os masculinos *freire*, *patrão*. A *analogia* creou flexões femininas para os nomes communs, dizendo: *princeza*, *parenta*, *infanta*, de *princeps*, *parens*, *infans*, communs aos dous sexos.

E o que é mais curioso, muitas vezes, o masculino originou-se de um typo feminino, como: *frango*, de *franga*; *mono*, de *mona* (ital.); *pombo*, de *pomba*.

Nota-se que, por natureza propria, a funcção da *analogia* não é começar, mas continuar e fazer progredir uma tendencia já existente. Sendo de creação popular e inconsciente, a analogia é muitas vezes grosseira e falsa, submettendo á uniformidade alguns factos de origem e indole diversas; como, por exemplo, dando a *pedir* e *impedir* a mesma flexão *peço* e *impeço*; formando nomes, como *Tiago*, em vez de *Iago*. Sant' (Iago), etc.

2) Outra força analogica existe que constantemente re-flue contra as correntes normaes da evolução das linguas, e é a que denominamos a *influencia erudita ou literaria*.

A influencia erudita procurou approximar a lingua do latim classico, (que não é a fonte da lingua moderna), e com este criterio destruiu muitas indecisões e schismas que necessitavam de fixação e de disciplina.

Se a *analogia* por uma parte a principio generalizou a regra dos femininos em *a*, tornando taes os nomes *cometa*, *planeta*, etc., a disciplina erudita do seculo XVI em diante restituiu o genero masculino áquelles vocabulos.

Perdida a fôrma dos superlativos proprios em *issimo*, a influencia erudita revocou-os do latim, desde o seculo XVI. (1)

A's elaborações phoneticas puras foram contrapostos os neologismos literarios, creando fôrmas divergentes: *macula* e *magoa*; *primeiro* e *primario*. Muitas vezes succedeu que a fôrma erudita supplantou o typo popular, como se vê em *seculo* sobre *segre*; *plantar* sobre *prantar* e *chantar*, etc. Outras vezes, a fôrma popular só se denuncia em algum vestigio; assim, o adjectivo *preto*, divergente com *pleno*, ficou immobilizado na expressão: *preciamar*. A palavra *mar* era feminina outr'ora, como ainda o é hoje no francez e na mencionada locução portugueza.

Foi ainda a influencia erudita que modificou a pronuncia do *x*, de *ch* chiante para *ks* (*fiche*, *ficho*, *fixo*, *fikso*); identica transformação prosodica operou no grupo *qu*, que nos primeiros tempos soava como *c* duro ou *k*, pelo que attestam

(1) Antes disso, são raros os superlativos em *issimo*. Cita-se, por exemplo, *santissimo*.

as fórmãs antiquadas: *casi* (quasi), *contia* (quantia), *córesma* (quaresma, *quadragesima*), *calidade* (qualidade), *car* (de *quare*).

A influencia erudita restabeleceu as suffixações em *ario*, que por metathese se quedaram em *airo*: *rosario*, *primario*, de *rosairo* e *primairo*.

Mas, nem sempre o factor da disciplina erudita conseguia destruir as fórmãs usuaes; se o antigo adjectivo *bóo*, *boa*, póde ser latinizado na fórmula *bom*, todavia, com a primeira pessoa do presente do verbo *ser*, de typos indecisos *som* e *son* nos seculos XV e XVI, apezar da auctoridade de João de Barros, deu-se a victoria da ultima fórmula, mais afastada do exemplar latino, *sum*.

3) Não nos devemos esquecer, afinal, das chamadas leis phoneticas, communs a toda especie de idioma, e conhecidas por tendencias de *assimilação* e *dissimilação*.

Antes da *assimilação* dos sons, notada francamente desde o latim, como se vê em *attendere* (*attendere*, de *ad* + *tendere*), é pelo menos theoreticamente admissivel uma phase preliminar de transição. De facto, o *accommodamento* é um esboço da *assimilação*, que é muito commum na coalescencia das vogaes. Cuplas antigas (má — maa, ler — leer); e mais claramente se mostra entre as consoantes e grupos respectivos, que, sem se assimilar, tomam fórmãs mais euphônicas e adaptaveis ás letras procedentes: tal é a nasal de *exame*, *ensaio* (*examen*, *exagium*), e dos proprios elementos não latinos *enchorar* (do inglez *a-shore*). A fórmula *factum* produziu *fato* (pop.) e *feito*, e só artificialmente o especimen erudito *facto*.

A *assimilação* perfeita, isto é, a que produziu a substituição da letra assimilada por outra igual á precessora e assimilante, exemplifica-se abundantemente nos vocabulos de prefixação de *ab*, *ad*, *in*, etc.: *attendere*, *assistir*, *applicar*, *illegivel*, etc.

Não se ha de esquecer, porém, quanto ao elemento arábico, o facto curioso de que a *assimilação* só se produz na junção das letras chamadas solares: *ç*, *s*, *z*, *ç*.

Taes são as *assimilações* do artigo *al*:

Açúcar (as-sucar)
Az-zeite
Ar-rabil
A-çude (as-sude).

É claro que os phenomenos de *assimilação* ou *sympathia phonetica* interferem frequentemente dentro da orbita das leis geraes da phonologia, creando excepções e casos especialissimos, inexplicaveis muitas vezes pela simples filiação historica.

O progresso dos estudos philologicos aconselha substituir a *noção de leis* para evitar-se o erro de lhes attribuir o character *imperativo e sem excepção*, como o fizeram ainda ha pouco tempo os neo-grammaticos. O que convem comprehender é o character *a posteriori* das leis phoneticas dentro de cada lingua ou dialecto, como expressão de uniformidade em dado periodo de tempo, após o qual as leis perdem toda força de mutações phoneticas. No espaço e no tempo a *lei* representa uma *média*, como se diz em mathematica. (Veja Schuchardt - *Brevier*, 43, 103, etc.; Wendryes Delbrück e Fritz Mauthner — *Zur Sprachwiss*, 94 e outros lugares.)

III

Do accento e da quantidade

Na degeneração do latim foi-se pouco e pouco obliterando a acção de quantidade em proveito da do *accento*, que se tornou,⁹ como diz Frederico Diez, o centro de gravidade da palavra.

O *som* tem *duração* e tem *altura*. Na *duração* baseia-se o conceito de quantidade, e neste caso os sons podem ser *longos* ou *breves*, podem ser pronunciados em maior ou em menor espaço de tempo.

E' sobre a *altura* ou *acuidade* dos sons que se baseia o conceito do *accento*. A vogal, e por extensão a *syllaba* mais intensa, diz-se *tonica*, *accentuada* ou *syllaba* predominante. As vogaes e *syllabas* menos intensas ou graves dizem-se *atonas*.

Os vocabulos que têm o *accento* na ultima *syllaba*, dizem-se *agudos*: *café*, *immortal*. Os que têm o *accento* na penultima, são *graves*: *casa*, *verdade*. Os que têm o *accento* na ante-penultima, são *esdruxulos*: *celebre*, *philosopho*. (1)

O *accento*. — O *accento latino* foi, em regra geral, *conservado nas linguas romanas*, conseguintemente, na lingua portugueza. Esta tendencia é a mais geral da phonologia neolatina. Exemplos da lingua portugueza:

Praça	<i>plateam</i> .
Lebre	<i>lépore</i> .
Janeiro	<i>januarium, janarium</i> .
Piedade	<i>pietatem</i> .
Joelho	<i>genuculum</i> (ant. <i>geólho</i>).
Cabido	<i>capitulum</i> .

(1) Ha as denominações gregas *oxytono* (agudo), *paroxytono* (grave) e *propoxytono* (esdruxulo), que nenhuma vantagem apresentam em relação ás antigas.